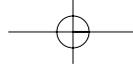
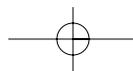
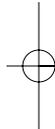
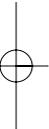


Poema inicial

Tudo renasce num ciclo de fogo
encostado às pedras.
O sol, os degraus, o musgo.
Tudo está emparedado na cal.
A cor das pedras
atravessa um momento de sombra
sempre que os seus pés
sobem as colinas.
Há um espaço solto
que foi atribuído aos pássaros.
São eles que habitam
a dimensão redonda,
entre os muros,
afugentados pela luz.
Parece que saem da cegueira,
coléricos,
carregando pequenas caixas vazias.
É uma construção
que veio do oriente,
desenhada numa placa de estanho.
À noite,
essa sombra
com as mãos atadas
desliza pelo barro
mastigando as ervas.
Vai na direcção
do sol da manhã
esconder-se das máquinas
e dos fios.
A sua boca é como um castanheiro.



Por ali passam
os ruídos do vinho: dois homens
matam-se num anfiteatro
e dos seus gritos nascem
as visões do mundo.



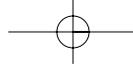
Primeiro poema no Anfiteatro

Uma mulher desfaz-se na água dos túneis.
Os seus gestos são uma arte secular,
reflectidos no tecto, ondulando como uma
cobra. Se fosse um peixe o seu corpo
subiria pelo pilar onde estão gravados os olhos
das vítimas. Uma grande fogueira anuncia o fim
do amor. Trata-se de uma mulher em cima
de uma ponte, coberta de espinhos e de
musgos. Os seus pés apenas batem na madeira,
sem som, e o anfiteatro fecha-se sobre ela
cobrindo-a com um véu. Todas as sombras
que ali habitam passam a seu lado sem a ver.
É o desenho de um túmulo, uma abóbada
incandescente na tarde. Quando cai enfim
a noite, uma lágrima escorre para o fosso
libertando um gás branco, devorador.

Visão um

Nunca uma morte terrena tinha acontecido assim. Segurou-a ainda por um braço antes de a lançar para o abismo. A água surgiu devagar em cima das rochas e o seu corpo colou-se às grades que tapavam a entrada de um viveiro. Caiu lançando um grito e a espuma saltou no embate afugentando os pássaros do mar. Ninguém reconheceu neste acto um assassínio e no entanto o sangue desceu por uma ranhura e a pele cortada espalhou-se pelos cantos da praia entre as urzes.

Era o início de uma assombração.



Visão dois

Não se tratava já de um corpo, mas de uma massa enrolada, um tapete persa deitado ao acaso em cima de uma cama. Havia uma poeira dourada colada à cintura e o resto do que fora uma saia. Era dali que saía um eco. Como se o corpo estivesse vazio e os ossos se transformassem em cobras brancas.

